

## **AS CONTRIBUIÇÕES DA JUVENTUDE NA DISSEMINAÇÃO DE AÇÕES SUSTENTÁVEIS NO AMBIENTE FAMILIAR <sup>1</sup>**

Winnie Gomes da SILVA, Universidade Federal de Pernambuco.

Maria Inês Gasparetto HIGUCHI, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Maria Solange Moreira de FARIAS, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

### **Introdução**

“A problemática ambiental surge nas últimas décadas do século XX como o sinal mais eloquente da crise da racionalidade econômica que conduziu o processo de modernização” (LEFF, 2008, p.22).

Atualmente, falam com frequência sobre a sustentabilidade, a mídia com suas reportagens e documentários mostram os impactos ambientais que o mundo está sofrendo, deixando como mensagem final a prática da sustentabilidade como possibilidade para combater os impactos ambientais.

Entretanto, tem-se a impressão que a aplicabilidade correta da sustentabilidade no campo econômico, social, ambiental, ecológica, cultural, espacial e política, parece ser uma realidade longe de ser alcançada, pois parece estar apenas no campo do discurso e não da prática para alcançar o objetivo mais desafiador, cuidar do meio ambiente no presente e para as futuras gerações.

A definição sustentabilidade surgiu em 1980 por Lester Brown, “que definiu comunidade sustentável como a que é capaz de satisfazer às próprias necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras” (CAPRA, 2008, p.19).

Alguns anos depois, a definição introduzida por Lester Brown circulou pelo mundo a fora como desenvolvimento sustentável, lançado no Relatório Brundtland, conhecido também como o Relatório Nosso Futuro Comum. Este relatório é produção das discussões que ocorreram na Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1987, e defende a seguinte ideia:

A humanidade é capaz de tornar o desenvolvimento sustentável – de garantir que ele atenda as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

futuras atenderem também às suas. (...) o desenvolvimento sustentável é um (...) processo de mudança no qual a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras (Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991, pp.9-10).

Dessa forma, o conceito da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991), busca o desenvolvimento da sociedade presente de forma saudável para não apresentar conseqüências futuramente, ou seja, propõe uma nova visão sobre o meio ambiente, mostrando que os recursos naturais não são infinitos e que podem acabar caso não se tenha uma forma de exploração apropriada para preservar para uma sociedade futura. Assim, Capra (2008) afirma que esta definição mostra a responsabilidade de as pessoas passarem para os filhos e netos a oportunidade de um mundo quanto àquele que se foi herdada.

Leff (2008) afirma que o princípio da sustentabilidade trata-se de reapropriação da natureza e de reinventar o mundo, pois surge como uma resposta frente à modernização a partir da construção de uma nova racionalidade produtiva, apoiada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização com a diversidade cultural do gênero humano.

Dessa forma, temos uma visão geral sobre o objetivo da sustentabilidade, que consiste na aplicabilidade em estratégias para preservar os recursos naturais, não apenas para as gerações futuras, mas para o desenvolvimento das sociedades. Vasconcellos (2006) afirma que prática da sustentabilidade apóia-se em três conceitos gerais:

- 1) Sustentabilidade ambiental, que está relacionada ao ambiente natural (terra, água, ar);
- 2) Sustentabilidade econômico-financeira, é a peça fundamental no discurso liberal dominante;
- 3) Sustentabilidade social, está associada às pessoas e seus direitos à vida.

Conforme o autor, estes conceitos revelam um conflito sobre a eficiência e equidade, pois a sustentabilidade ambiental e econômico-financeiro tem sido privilegiados nas análises, ou seja, estes buscam a eficiência, que está focada na questão econômica da sociedade, associando a idéia do mercado como um meio para regular conflitos e alocar recursos. Por outro lado, a sustentabilidade social tem sido negligenciada, sendo esta uma busca de equidade em relação aos direitos que as pessoas têm na sua coletivamente.

Reigota (2007) diz que a sustentabilidade é um termo controverso, pois se confunde com desenvolvimento sustentável. Assim, Garcia (1999) citado por Reigota (2007) defende a ideia de que o desenvolvimento sustentável é o oposto da sustentabilidade, principalmente sobre a interpretação que prioriza o desenvolvimento de forma capitalista.

A participação da sociedade deve ser estimulada para que se sejam indivíduos ativos, capazes de estabelecer um conjunto que identifiquem os problemas, objetivos e soluções, pois existe uma consciência restrita da sociedade sobre as implicações do modelo de desenvolvimento em curso (JACOBI, 2003).

“A sustentabilidade (...) precisa estimular permanentemente as responsabilidades éticas, na medida em que a ênfase nos aspectos extra-econômicos serve para reconsiderar os aspectos relacionados com a equidade, a justiça social e a própria ética dos seres vivos” (JACOBI, 2003, p.195).

Corral-Verdugo et al (2009) defendem a sustentabilidade com foco nos seres humanos, responsáveis pela utilização dos recursos naturais, promovendo a renovação e recuperação, com o objetivo de garantir a utilização sustentável ao longo do tempo. A base do comportamento humano é vista como uma solução para os problemas ambientais, ou seja, realizar uma “promoção de mudanças comportamentais” (STEG & VLEK, 2009, p.314).

É na busca da tão sonhada sustentabilidade para redução das crises socioambientais que se busca possíveis mudanças efetivas, assim, a Educação Ambiental (EA) insere-se neste cenário a fim de gerar modificações nos valores e comportamentos pessoais. A educação é um processo estratégico com o objetivo de formar valores, atitudes e capacidades nos indivíduos a fim de orientar para uma transição para a sustentabilidade (LEFF, 2008).

A EA tem um caráter formador, não se resume apenas na transmissão de informação sobre o que fazer para melhorar o meio ambiente, mas investe na formação dos sujeitos, capazes de ser críticos e reflexivos para (re)pensarem sua prática social. (JANKE & TOZONI-REIS, 2008). Seria uma forma de o indivíduo se apropriar das qualidades e capacidades necessárias para ação transformadora responsável frente ao ambiente em que vive (TOZONI-REIS, 2004).

“Podemos dizer que a gênese do processo educativo ambiental é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente” (TOZONI-REIS, 2004, p. 147).

EA é uma educação para cidadania, que representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas, sendo capazes de transformar diferentes formas de participação na defesa da qualidade de vida. Logo, a EA é uma estratégia necessária para mudar a degradação socioambiental. (JACOBI, 2003).

Podemos afirmar que a EA é o palco principal no cenário das discussões sobre a sustentabilidade, uma vez que seu foco parte de mudanças em valores, atitudes e

comportamento, desenvolvendo nas pessoas um comprometimento não apenas com o meio ambiente quando se refere aos recursos naturais, mas com os outros diversos ambientes, em casa, na escola, na comunidade, no bairro, no trabalho, e outros. É a partir dessa disseminação que este indivíduo atua como cidadão responsável e comprometido com a sustentabilidade.

### **Educação ambiental na Amazônia: um estudo com os Pequenos Guias do Bosque da Ciência**

Os Pequenos Guias do Bosque da Ciência é um programa de Educação Ambiental que foi desenvolvido há 15 anos pelo Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA), o qual faz parte do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), situado na cidade de Manaus.

O programa foi desenvolvido com o objetivo de integrar jovens de 10 a 14 anos, moradoras das comunidades adjacentes ao Bosque da Ciência (Parque Zôo-Botânico). A estrutura do projeto dividia-se em três fases:

<b>Fases do Projeto</b>	<b>Duração</b>
<i>Formação Educacional Crítica</i>	5 a 6 meses
<i>Atuação e Interação no Bosque da Ciência</i>	12 meses
<i>Participação Cidadã na Comunidade</i>	Participação Contínua

1) Formação Educacional Crítica: Consistia em aulas com educadores e pesquisadores do INPA sobre a fauna e flora do Bosque da Ciência (Parque Zôo-Botânico). As aulas ocorriam de maneira dinâmica e integrativa entre os jovens e o ambiente natural, onde os mesmos tinham oportunidade em desenvolver sensibilização e conhecimento ambiental sobre os animais e a flora devido estabelecerem uma relação direta com estes elementos que compõem o trajeto turístico do Bosque da Ciência.

Além disso, eram desenvolvidas atividades que estimulassem o pensamento crítico e reflexivo desses jovens, a partir de discussões sobre questões culturais e socioambientais, que perpassam num nível local e regional, isto é, o bairro e a cidade em que os mesmos vivem, para depois se estender para discussões mais amplas, a nível nacional e mundial. Higuchi e Farias (2002) destacam que a busca de estímulos para o desenvolvimento de um pensamento crítico irá construir atitudes e valores de cidadania, atuando de forma ativa na sociedade.

Neste processo, as atividades realizadas estimulavam a afetividade, solidariedade e cooperação pessoal entre os jovens.



Imagem 1: Formação Educacional Crítica  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010



Imagem 2: Formação Educacional Crítica  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010

2) Atuação e Interação no Bosque da Ciência: Quando a fase anterior encerrava as atividades, os jovens e os familiares participavam de um evento de Formatura. Este momento era uma forma de promover um momento de reconhecimento aos jovens pela sua dedicação durante um semestre de atividades ininterruptas, além de ser uma forma de fortalecer os laços não apenas entre os jovens e o programa, mas entre os familiares e o programa. Neste evento, os jovens recebiam certificados de educadores e pesquisadores que contribuíram na formação dessas pessoas, e eram caracterizados a partir deste momento como Pequenos Guias.

Após esta etapa de transição da primeira fase com esta nova fase, os jovens iniciavam suas atividades no Bosque da Ciência. Neste cenário, os jovens recepcionavam os turistas que iriam conhecer o local, transmitindo informações simples sobre a fauna e flora no decorrer do passeio. Conforme Higuchi e Farias (2002), este processo permitia os jovens se apropriarem deste espaço social, exercitando sua cidadania. Ainda possibilitava estabelecer uma comunicação entre turista e Pequeno Guia, proporcionando um espaço de reconhecimento. É através da fala que renova e alavanca a inclusão do jovem na sociedade, que por muitas vezes foi negada ou imposta uma condição de inferioridade.



Imagem 3: Formatura dos Pequenos Guias  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010



Imagem 4: Pequenos Guias atuando no Bosque da Ciência  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010

3) Participação Cidadã na Comunidade: Quando terminava as atividades da segunda fase, os jovens se integravam e participavam de atividades que estendiam para outros cenários, ou sejam, eram atividades que não ficava restrito apenas no Bosque da Ciência, alcançava seu bairro e demais comunidade. Em 2008, esta fase foi renomeada para Jovens Ambientalistas, e desenvolve até os dias atuais atividades com os jovens. Aqui são desenvolvidas nos jovens, solidariedade, cooperação e mobilização social.

De modo sucinto as participações foram nos seguintes eventos: Curso de Acabamento de Madeira, apresentação de peça teatral no Bosque da Ciência, lazer e recreação: tour pela cidade, visita ao Teatro Amazonas e Agenda Ambiental Jovem no Bairro (Agenda 21), Ação Global, Projeto Mudando a História - Projeto Leitura (ABRINQ), Projeto Horta (CNPq) desenvolvida nas escolas pública, participação em comemorações no Bosque da Ciência: Semana do Meio Ambiente, Semana da Criança, Aniversário do Bosque e outras quando solicitados, Projeto Circuito da Ciência, desenvolvida pelo LAPSEA (Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental) com exposição de banners e atividades com jogos educativos e Oficina sobre a História da Reserva DUCKE.



Imagem 5: Participação em jogos educativos  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010



Imagem 6: Participação de exposição de banners  
Fonte: Arquivos de imagens do LAPSEA/2010

O programa Pequenos Guias do Bosque da Ciência buscou desenvolver atividades aos jovens, que por inúmeras vezes são vistos como solução para diversas problemáticas da sociedade, dentre elas os problemas socioambientais, mas também são rotulados como um público gerador de conflitos e problemas. Conforme Silva (2010, p.34-35)

“O projeto busca integrar e possibilitar uma resignificação na vida deste mundo adolescente através de valores, atitudes e comportamentos frente às questões socioambientais mediado por um pensamento crítico, capaz de se posicionar na sociedade como um cidadão ativo, reivindicando seus direitos e assumindo uma ética do cuidado que irá transparecer através da cooperação e solidariedade com o outro. Ainda possibilita a multiplicação dessa mudança em diferentes cenários, seja no ambiente familiar, escolar e na própria comunidade”.

Os programas de Educação Ambiental devem ser disseminados não apenas com o público jovem, mas atuar com diversos públicos. A fim de desenvolver nas pessoas uma relação de afeto, cuidado, solidariedade e de cooperação não apenas em relação aos recursos naturais, mas nas relações sociais, uma vez que este também se caracteriza como ambiente e precisa de elementos saudáveis para estabelecer relações de equilíbrio.

## **O estudo**

A pesquisa foi realizada com 48 ex-participantes do programa Pequenos Guias do Bosque da Ciência, 24 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. O objetivo do estudo foi de investigar como o programa de Educação Ambiental, Pequenos Guias do Bosque da Ciência, contribuiu no desenvolvimento psicossocial desses jovens.

Foi usada para investigação uma entrevista semi-estruturada, e foram analisadas qualitativamente a partir da Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (1977). Ainda foram utilizadas estatísticas não-paramétricas para complementar os dados qualitativos, e mostrar os dados quantitativos encontrados nas categorias.

A seguir serão apresentados resultados sobre a repercussão do programa no ambiente familiar após a participação desses jovens no programa. Os dados encontrados nos remetem à reflexão de possibilidade e esperança em relação em como os programas de Educação Ambiental podem contribuir na disseminação de conhecimento e sensibilização ambiental.

## **A juventude protagonista em ações sustentáveis no ambiente familiar**

O projeto Pequenos Guias do Bosque da Ciência tinha como objetivo integrar a família do jovem participante com o projeto, construindo um elo para que o programa se estendesse aos membros da família, a fim de gerar mudanças não apenas nos participantes, mas no seu entorno.

O projeto é baseado no princípio que a família e escola são cruciais na co-participação no envolvimento dos adolescentes em qualquer atividade grupal, onde a construção dessas relações fomenta as transformações tanto no adolescente quanto na família (HIGUCHI & FARIAS, 2002).

Neste programa socioambiental, muitas estratégias psicopedagógicas foram adotadas para envolvimento e integração dos jovens e suas famílias, que foi continuamente recriado ao longo dos 15 anos de projeto.

Quando falamos em família, a literatura nos apresenta apenas os pais como aqueles capazes de gerar mudanças nos filhos, além da transmissão de afetividade. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2006) afirmam que a família é responsável pela sobrevivência psíquica e física da criança, sendo o primeiro grupo que constitui este indivíduo a partir de transmissão dos primeiros hábitos e costumes culturais.

Osório (1996) enfatiza que a primeira função psíquica da família é a afetividade, sendo indispensável para a sobrevivência do sujeito. O mesmo autor afirma que a família possui funções biológicas, psicológicas e sociais, concluindo com os autores supracitados que a família precisa garantir a sobrevivência da espécie e não da reprodução.

Mas será somente que pais/responsáveis ensinam as crianças? Transmitem seu conhecimento e sua vivência? Neste estudo identificamos que a propagação juvenil no ambiente familiar, sendo organizado em cinco grupos: ***comportamento ecológico, socialização, confiança e reconhecimento, financeiramente e por fim, a não identificação em nenhuma mudança***, conforme a tabela a seguir.

Tabela – Mudanças identificadas no ambiente familiar

<b>Definição das categorias</b>	<b>n</b>	<b>N</b>	<b>Total</b>
<b>Comportamento ecológico</b>	<b>Masc.</b>	<b>Fem.</b>	
A disseminação de ações com o cuidado do meio ambiente e redução dos impactos ambientais, provocou mobilização na economia de água e luz, coleta seletiva, cuidado e organização com o ambiente doméstico e público e cuidado com as plantas e animais.	<b>23%</b>	<b>27%</b>	<b>50%</b>
<b>Socialização</b>			
Maior envolvimento com a família, promovendo diálogo sobre as atividades ocorridas no Bosque da Ciência e passeios familiares no mesmo local. Esta interação estabeleceu relação de respeito com os pais e irmãos, e responsabilidade com as regras da família, como horário, organização e limpeza com os objetos pessoais.	<b>19%</b>	<b>14,5%</b>	<b>33,5%</b>
<b>Confiança e reconhecimento</b>			
A participação no projeto proporcionou aos pais uma relação de confiança com o projeto e o Bosque da Ciência. Sendo visto, como uma oportunidade dos filhos ficarem menos ociosos, reconhecendo a dedicação dos filhos no projeto.	<b>6%</b>	<b>4,5%</b>	<b>10,5%</b>
<b>Financeiramente</b>			
Bolsa de participação no projeto ajudou na compra de objetos pessoais e no financeiro em casa.	<b>2%</b>	<b>2%</b>	<b>4%</b>
<b>Não ajudou</b>			
O ambiente familiar não apresentou nenhuma mudança.	<b>0</b>	<b>2%</b>	<b>2%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>50%</b>	<b>50%</b>	<b>100%</b>

Os jovens do primeiro grupo, com 50%, afirmam que a participação no projeto gerou mudanças no comportamento ecológico tanto dele quanto da família, tomando uma ação de cuidado e zelo com o próprio ambiente familiar, além da promoção de uma sustentabilidade na redução dos impactos ambientais em relação a economia de luz e água, e coleta seletiva. Isto foi possível, devido ao conhecimento dos jovens sobre as problemáticas ambientais compartilhando com seu entorno, ou seja, a família. Os dados nos mostram que as jovens do sexo feminino apresentaram maior incidência neste grupo, totalizando 27% do sexo feminino contra 23% do sexo masculino, que por sua vez, também apresenta um total elevado.

*Na organização da família a também ajudar no... na própria limpeza, organização da casa também e na conscientização das pessoas também. (...)*

*Ajudou eu ensinar minha mãe a reciclar o lixo, eu falava para ela que era importante. (...) ela abria a geladeira toda hora e eu falava que gastava muita energia, eu ajudei ela numa forma de abaixar a energia.*

A socialização foi outro aspecto encontrado neste estudo, compondo o segundo grupo, com 33,5%. Os jovens contavam suas experiências do dia que tiveram no Bosque da Ciência, proporcionando diálogo com a família, e assumindo responsabilidades com as regras da família. Os jovens do sexo masculino estão mais presentes neste grupo, totalizando 19% contra 14,5% jovens do sexo feminino.

*Na minha casa? O projeto me ajudou na parte de diálogo com a minha família. Que sempre quando eu saía, eu sempre falava: Poxa, hoje foi legal, não sei o quê. Sempre falava com eles, tudinho sobre o que tinha acontecido, o que ocorreu no dia todinho.*

*O que o projeto me ajudou? É... Na realidade... Me ajudou a... A viver mais em família, entendeu? Porque ali era uma família que eu tinha no bosque e quando eu chegava em casa, me ajudou até na educação de com os meus pais mesmo entendeu? Porque no bosque eu era uma pessoa e eu não queria ser outra pessoa dentro de casa, assim como eu agia ali com a Solange com o pessoal que que fazia comigo, os meus amigos. Eu tratava eles bem eu queria tratar meus pais também, meus irmãos dentro de casa.*

O terceiro grupo remete aos pais, com 10,5%, pois, os jovens identificaram durante a participação no projeto a confiança dos mesmos nas atividades desenvolvidas no Bosque da Ciência. Aprovava a participação dos filhos, e reforçava com o reconhecimento das mudanças apresentadas pelos mesmos. Em relação ao gênero, os jovens do sexo masculino tiveram um total de 6%, e 4,5% para as jovens do sexo feminino, mostrando uma diferença insignificante.

*O que o Projeto me ajudou na minha casa... Como eu disse, naquele momento, somos três irmãos, meu irmão tinha 24 anos e o outro 17, e eu tinha 10/12, acredito que a questão da preocupação que eu não passava para minha mãe. Ela tinha certeza que eu estava num lugar seguro, aqui no Bosque da Ciência e na escola também. Acho que a não ociosidade naquele momento foi muito importante.*

*Bom... minha participação aqui foi bom só pelo fato pelo fato de... de ta num lugar minha mãe saber que eu tava aprendendo, essas coisas assim né? Bem estável, essas coisas assim. Foi só o que... Foi só o que nos causou.*

O penúltimo grupo, com 4%, os jovens afirmaram que a bolsa-auxílio que recebiam durante a participação do projeto, proporcionava independência na compra de objetos pessoais. Por outro lado, o dinheiro também era utilizado para ajudar no financeiro da casa. Cabe ressaltar que esta bolsa-auxílio foi apenas nas primeiras turmas do projeto, apresentando um total de apenas 2% dos jovens, dividido em sexo masculino e feminino. Isto mostra que os jovens atribuíram pouca importância em relação ao aspecto financeiro.

*Na época eu tinha uma bolsa que o INPA pagava e que me ajudava a ter minhas coisas. Podia comprar uma roupa, um tênis, sem ter que ficar dependendo dos meus pais, nem de outras pessoas.*

*Na minha casa? Olha, naquele tempo né? assim, a gente tinha uma bolsa né? a gente recebia. Ajudou bastante, porque nós somos quatro aí o dinheiro que a gente pegava, eu não tinha aquela mentalidade: Ah eu vou gastar tudo, vou comprar roupa, vou comprar bolacha, chocolate. Não, dava tudo pra minha mãe, toma a senhora compra o que é preciso (...).*

Por fim, o último grupo, com apenas 2%, afirmou não identificar nenhuma mudança em seu comportamento no ambiente familiar e nem nos membros da sua família.

*Não ajudou, mas também num... ficou do jeito que tava. Entendeu?*

Os resultados do impacto do programa Pequenos Guias do Bosque da Ciência no desenvolvimento psicossocial juvenil, nos mostram que os jovens assumiram uma participação cidadã no ambiente familiar, atuando como protagonistas na disseminação de ações sustentáveis a fim de alcançar um comportamento ecológico em seu entorno. Este resultado representa 50% dos jovens, o que nos apresenta a Educação Ambiental como um processo de formação básica no desenvolvimento de pessoas mais comprometidas com os recursos naturais, além disso, a presença do cuidado com o próprio ambiente em que está inserida. Isso nos permite levantar como hipótese, que se as pessoas atuam no seu cotidiano com responsabilidade em relação ao gasto de água, luz, coleta seletiva, etc, esta responsabilidade se estende para o cuidado com o ambiente em que está inserida, não apenas em casa, mas em qualquer outro ambiente em que atua. Logo, este comportamento ecológico, se dissemina e o torna um cidadão ativo, reflexivo e crítico frente aos problemas socioambientais.

Os demais resultados também mostraram que atividades que envolvem jovens podem contribuir na aproximação de socialização com a família (33,5%), estabelecendo diálogo e respeito com os membros da família. Este ponto nos mostra que pode servir na formação de uma base sólida nas relações afetivas, mas, além disso, pode possibilitar em diálogos em forma de promoção e prevenção em relação às drogas, sexo, entre outros.

Interessante neste resultado, é que pelo fato de ser um programa de Educação Ambiental, não se cogitaria a ideia de transpor para questões como drogas e sexo, assuntos que preocupam os pais e a sociedade. Mas vemos nesta pesquisa que pelo simples fato da aproximação dos jovens com a família, a partir de um programa de Educação Ambiental, esta

realidade é possível. Isso serve para mostrar que a Educação Ambiental não se reduz na simples transmissão de conhecimento ambiental.

Ainda, identificamos a atuação da família com os jovens durante a participação no programa (10,5%), atuando como motivadores no momento em que reconhecia a iniciativa dos filhos em participar como voluntários num programa de Educação Ambiental, e quando emitia sua opinião aos mesmos em relação às mudanças positivas que estavam tendo com a participação no projeto.

Constatamos a importância de criar cada vez mais programas de Educação Ambiental que envolva os jovens, que dê voz para este público atuar como cidadãos em prol não apenas dos problemas ambientais, mas em questões socioambientais, atuando com solidariedade, respeito, cooperação e comprometimento com as pessoas. É necessário desenvolver os jovens para que sejam capazes de ver a sua família como uma oportunidade para disseminar seus novos valores, atitudes e comportamentos socioambientais.

### **Considerações finais**

A Educação Ambiental parece ser vista como um processo educativo preocupado apenas em transmitir conhecimento a cerca dos problemas ambientais, enquanto na verdade, sua proposta vai além de um simples conhecimento ambiental. Sua proposta tem como foco as mudanças nas pessoas, para que desenvolvam cada vez mais ações sustentáveis no seu cotidiano.

Por outro lado, é necessário termos claro que ações sustentáveis não se restringem apenas na preocupação com o lixo, coleta seletiva, gasto de água e energia, desmatamento, entre outros. Devemos ampliar nossa visão sobre o real conceito de sustentabilidade, este é o palco principal da proposta da Educação Ambiental, pois busca gerar mudanças em valores, afetos, atitudes e comportamentos socioambientais.

De um lado, temos a sociedade que exige alcançar um padrão de excelência rápida e eficaz em relação as crises socioambientais. Do outro, temos a juventude, tendo como característica um público ativo, capaz de se engajar em diversas atividades. Temos como exemplo as redes sociais, em que os jovens se engajam cada vez mais para se inserir em grupos e comunidades virtuais, como uma oportunidade em dar voz as suas opiniões, tornando um verdadeiro fórum de trocas de ideias e estabelecimento de amizades. Por suas características naturais, os jovens possuem um grande potencial para se engajar em diversos

cenários, e as questões ambientais devem começar a estar presente nas discussões com os colegas, na escola, na família, no bairro, na comunidade.

Vimos neste estudo, o leque de possibilidade que um programa de Educação Ambiental pode gerar nos jovens. O jovem não deve ser rotulado como o público que não tem interesse em discutir e se engajar em atividades socioambientais, é necessário ir ao encontro desses jovens e investigar o que eles desejam, seus medos, suas expectativas, o que esperam do futuro, e outro pontos, para que os assuntos de cunho socioambiental possam ser inseridos numa linguagem jovial e motivadora, formando verdadeiros guardiães que lutam em prol de ações sustentáveis.

### Referências bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1977.
- BOCK, A.M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. *Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia*. 13 ed., São Paulo: Editora Saraiva, 2006.
- CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, A. *Meio Ambiente no Século 21*. 5ª ed., Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2008.
- CMMAD. *Nosso futuro comum – O Relatório Brundtland*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- CORRAL-VERDUGO, V., BONNES, M., TAPIA-FONLLEM, C., FRAIJO-SING, B., FRÍAS-ARMENTA, M. & CARRUS, G. Correlates of pro-sustainability orientation: the affinity towards diversity. *Journal of Environmental Psychology*, (29), 34-43, 2009.
- HIGUCHI, M.I.G.; FARIAS, M.S.M. *Pequenos Guias do Bosque da Ciência: Trajetória de uma experiência de Educação Ambiental com crianças na Amazônia*. Manaus: INPA, 2002.
- JANKE, N.; TOZONI-REIS, M.F.C. Produção Coletiva de Conhecimentos Sobre Qualidade de Vida: por uma Educação Ambiental Participativa e Emancipatória. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2008. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>.
- JACOBI, P. Educação ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>.
- LEFF, E. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. 6ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- OSÓRIO, L.C. *Família Hoje*. São Paulo: Artmed, 1996
- REIGOTA, M.A. S. Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental. *Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental*, v. 12 n. 2, jun. 2007. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>.
- STEG, L. & VLEK, C. Encouraging pro-environmental behaviour: na integrative review and research agenda. *Journal of Environmental Psychology*, (29), 309-317, 2009.
- SILVA, W.G. *O ambiente como mediador com conhecimento: um estudo com jovens participantes de um programa de educação ambiental*. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Luterano de Manaus CEULM/ULBRA, Manaus.

TOZONI-REIS, M. F. C. *Educação ambiental: natureza, razão e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VASCONCELLOS, E.A. *Transporte e meio ambiente: conceitos e informações para análise de impactos*. São Paulo: Ed. do Autor, 2006.